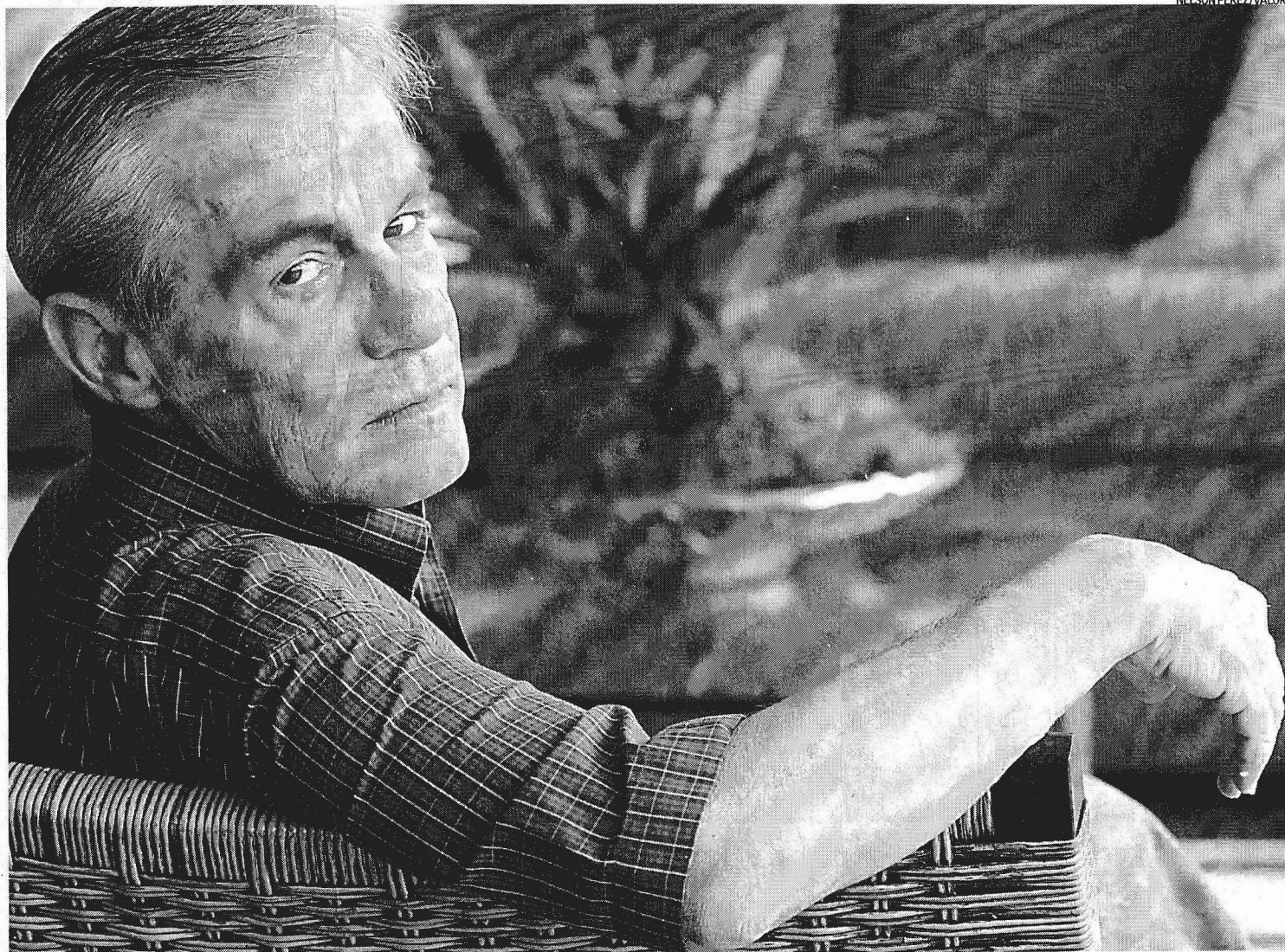




Para o cientista político Marcus Figueiredo, "o momento em que a operação foi realizada cria margem para a interpretação de manobra política"

Analista alerta para 'efeito bumerangue'

Heloisia Magalhães
Do Rio

A operação da Polícia Federal no escritório de Jorge Murad, marido da governadora do Maranhão Roseana Sarney pode ter um "efeito bumerangue", avalia o cientista político do Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro (IUPERJ), Marcus Figueiredo.

Ele não vincula a ação policial a uma estratégia orquestrada pelo governo federal com o objetivo de enfraquecer a candidata do PFL: "A rotina burocrática da Justiça independente do calendário eleitoral. Ninguém sabe qual é o momento adequado para uma operação dessas ser implementada e não cabe qualquer tipo de comunicação ao governo federal. Mas fica a indagação: se o processo já vem de muito tempo, por que agora? O momento em que a operação foi realizada cria margem para a interpretação de manobra política", indaga.

O cientista político acredita que caso nada seja provado contra o marido da candidata à Presi-

dência da República o eleitorado terá a tendência de vincular a ação da Polícia Federal ao governo, daí o efeito bumerangue: "Se as acusações contra um adversário eleitoral são infundadas estas viram contra o acusador e o acusado passa a ser vítima do que a opinião pública chama de baixaria", diz. Mas lembra que a suspeição de envolvimento em fraudes de pessoa tão próxima a um candidato tem repercussão negativa.

Na opinião do cientista político o governo federal vem montando o palanque para as eleições presidenciais. "O calendário foi definido: os juro começaram a cair e o emprego irá aumentar. É esperado um segundo 'boom' na bolsa (de valores) com o fim da CPMF. E acabou o racionamento de energia, crise que aliás foi muito bem administrada. Tudo virá com o carimbo do governo", diz.

Especialista na análise de pesquisas eleitorais e responsável por amplo banco de dados no setor, Figueiredo prevê que este mês haverá aumento na popularidade do

candidato governista José Serra (PSDB) e de Ciro Gomes (PPS), pois ambos passarão a ter mais visibilidade pois começa a campanha na televisão. Já Luiz Inácio Lula da Silva (PT) continuará na TV, aumentando a exposição. Mas lembra que o PFL e sua candidata Roseana Sarney saem da telinha.

Por isso, acredita que o eleitorado e a mídia irão indagar "o que há de substância" nas propostas da governadora do Maranhão: "Ela vem de meses de muito exposição. Agora, fora da TV, vai precisar apresentar suas idéias, propostas, viajar muito, frequentar eventos para não sair da mídia", argumenta.

Em paralelo, para ele, Serra e Garotinho ainda estão na fase de apresentação. Lembra que o governador fluminense vai precisar além dos programas populares mostrar o que propõe para administrar a dívida interna, como estimular as exportações ou demonstrar uma estratégia de sustentação do desenvolvimento e geração de emprego.

O especialista em análises eleitorais considera que embora exista demanda clara da população na área social, o Plano Real ainda é importante cabo eleitoral pois continua sendo bem avaliado. Para ele, o brasileiro não quer mudanças na condução da política econômica e "não aceita mais aventuras, sobressaltos". E complementa: "Não é por acaso que o PT assumiu discurso conservador. O problema é a população acreditar".

Para Marcus Figueiredo o voto no Brasil vem, nos últimos 50 anos vem sendo muito mais dirigido aos próprios candidatos do que aos partidos. Considera o quadro ainda indefinido embora acredite que serão quatro os candidatos que apresentam maiores chances de conquistar a presidência da República: Roseana Sarney, José Serra, Lula e Anthony Garotinho (PSB). Para ele, 20% do eleitorado é, de saída, fechado com o PT; 10% com o governo; logo, 70% dos votos estão para ser conquistados.